

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS - CCHEL
COLEGIADO DE HISTÓRIA

MARCOS DA SILVA DE OLIVEIRA

**OPERÁRIOS, FUTEBOL E INDÚSTRIA NA CIDADE DE MARECHAL
CÂNDIDO RONDON (1979-1989)**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON. PR

2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS - CCHEL
COLEGIADO DE HISTÓRIA

MARCOS DA SILVA DE OLIVEIRA

**OPERÁRIOS, FUTEBOL E INDÚSTRIA NA CIDADE DE MARECHAL CÂNDIDO
RONDON (1979-1989)**

Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação da Professora Aparecida Darc de Souza, apresentado à Banca Examinadora como exigência parcial a obtenção do título de Licenciado em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon.

Marechal Cândido Rondon, PR.


2013

ATA DE DEFESA

Aos 08 dias do mês de novembro de dois mil e treze, reuniram-se os professores: Dr^a. Aparecida Darc de Souza (orientadora), Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani e Dr. Eric Gustavo Cardin para comporem banca examinadora e submeterem a exame o Trabalho de Conclusão de Curso, enquanto requisito para obtenção de título de Licenciado em História, do acadêmico **Marcos da Silva de Oliveira**, intitulado **“Operários, futebol e indústria na cidade de Marechal Cândido Rondon (1979-1989)”**. O trabalho após a exposição do autor e arguido pela Banca foi considerado Aprovado, devendo o autor acatar as apreciações da Banca, proceder às reformulações indicadas pela banca e protocolar a versão definitiva em quinze dias, a partir desta data.

Sendo a média final: 85.

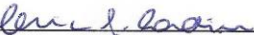
Sem nada mais a acrescentar, eu Aparecida Darc de Souza, presidente da Mesa, lavro e assino a presente Ata, juntamente com os demais componentes. Marechal Cândido Rondon, 08 de novembro de 2013.




Dr. Aparecida Darc de Souza (orientador)



Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani



Dr. Eric Gustavo Cardin



Acadêmico Marcos da Silva de Oliveira

À minha eterna e amada avó Joana de
Oliveira Silva

(In memoriam)

*Mulher batalhadora que me ensinou muito
sobre a vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Rosalvina e Adair pelo carinho, amor e atenção que me deram em todos os dias de minha vida. Foram vocês que me ensinaram desde criança que a vida do trabalhador é difícil e sofrida, mas não impossível de ser transformada. Durante este período no qual estive na universidade, longe de vocês, não parei de pensar um minuto o quanto são honestos, compreensíveis e solidários. Sem vocês este trabalho não seria possível. Amo os dois com todas as minhas forças!

As minhas duas irmãs, Andressa e Eduarda. Vocês foram fundamentais, pois sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e me dando força durante minha caminhada pelo universo acadêmico. Conviver com vocês é maravilhoso!

A minha companheira Maiara. Mulher admirável e surpreendente que me acompanha na vida a mais de três anos. Agradeço todo seu carinho, amor, auxílio, incentivo e compreensão. Com você minha amada e querida aprendi que sonhar sozinho é muito ruim quando se pode sonhar junto com outra pessoa. Com você compreendi o que é amar!

Ao meu querido afilhado João Igor. Criança criativa e alegre. Você me fez esquecer alguns dos momentos difíceis por qual passei na Universidade. Espero ver você em um futuro próximo lutando contra toda forma de injustiça social!

Aos meus avós Joana (In memoriam), Arlindo, Afonso e Sebastiana. As suas histórias de vida são exemplos para mim. Com vocês aprendi que a luta é cotidiana!

Aos meus familiares por me proporcionarem momentos marcantes e alegres. Os finais de semana conversando e assistindo futebol com vocês estão marcados na minha memória. Sou colorado graças a vocês!

Aos meus amigos e amigas e também companheiros do movimento estudantil. Em especial a Vânia, Marília, Paulo, Carem, Cíntia, Angélica e Julius. Vocês são mais que companheiros, são lutadores. Pessoas que lutam todos os dias por uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos. Com vocês aprendi o sentido de nos organizar coletivamente na luta pelos nossos direitos!

Aos companheiros do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do Observatório do Mundo Contemporâneo (OMC) e da Linha de Trabalho e Movimentos Sociais (LTMS). Apesar das várias polêmicas travadas com os

companheiros, acredito que todos nós temos uma preocupação em comum: de que a educação deve servir como um instrumento para analisar criticamente a realidade que nos cerca e assim poder transformá-la! Com vocês percebi que é possível outra forma de educação, que não seja apenas voltada para o mercado de trabalho!

Aos professores do Colegiado do Curso de História. Em especial a Aparecida Darc de Souza que me orientou, me entendeu e teve paciência com meus atrasos. Sua sensibilidade com o outro é impressionante. Com você aprendi que o ser humano é criativo e transformador, ou seja, revolucionário!

Aos companheiros da Assembleia Nacional de Estudantes – Livres (ANEL) e do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Com vocês percebi a necessidade da militância pela transformação social ser diária e não apenas passageira. Com os companheiros entendi que a luta contra toda forma de opressão e exploração é uma luta árdua e cheia de obstáculos, mas mesmo assim necessária!

Agradeço também aos trabalhadores que compartilharam comigo – nas suas poucas horas de descanso – suas experiências de vida e de trabalho. Quero que saibam que este trabalho é fruto de nossas conversas. Com vocês aprendi que a vida, como meus pais dizem, é difícil, mas possível de ser transformada!

Por fim, quero deixar aqui o meu agradecimento a todos que direta ou indiretamente me fizeram e me fazem acreditar que a luta por uma sociedade mais justa e igualitária é necessária e possível!

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Marcos da Silva de Oliveira, RG: 9.751.141-1, residente na Rua Presidente Costa e Silva 1135 em Marechal Cândido Rondon - PR, declaro que a monografia aqui apresentada é de minha exclusiva autoria, assumindo, portanto, total responsabilidade sobre ela.

marcos da silva de oliveira

Marcos da Silva de Oliveira

Marechal Cândido Rondon, 08 de Outubro de 2013.

RESUMO

OLIVEIRA, Marcos da Silva de. Operários, futebol e indústria na cidade de Marechal Cândido Rondon (1979-1989). Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em História – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2013.

O futebol se tornou na atualidade um fenômeno social global. Considerado o esporte mais popular do planeta, tem sido objeto constante de investigação. Os debates travados entre os pesquisadores têm oportunizado e levantado problemáticas interessantes sobre a relação entre o futebol e os mundos do trabalho. Entendendo a importância social do futebol na sociedade contemporânea o presente estudo tem como objetivo analisar a relação entre o futebol, operários e indústria na cidade de Marechal Cândido Rondon entre os anos de 1979 e 1989. Neste período assistiu-se a instalação do frigorífico Swift Armour (1979) na cidade. A visibilidade desta indústria esteve vinculada pela influência e articulação que ela teve com o futebol. A partir de entrevistas realizadas com trabalhadores que atuaram no frigorífico buscamos problematizar neste trabalho o(s) sentido(s) e significado(s) do futebol para os operários. As experiências e percepções destes sujeitos sociais têm evidenciado como o futebol contribuiu na constituição de laços de sociabilidade e solidariedade entre o operariado no contexto estudado.

PALAVRAS-CHAVE: Operários; Futebol; Swift Armour.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia

Figura 1 - Time de futebol suíço da Swift Armour em 1983.....p.27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
FUTEBOL: DAS ELITES ÀS CLASSES POPULARES.....	13
O FUTEBOL NOS MUNDOS DOS OPERÁRIOS DA SWIFT AMOUR ENTRE 1979 E 1989.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

O futebol se tornou na atualidade um fenômeno social global. Considerado o esporte mais popular do planeta, tem sido objeto constante de investigação. Os debates travados entre os pesquisadores têm oportunizado e levantado problemáticas interessantes sobre a relação entre o futebol e os mundos do trabalho.

O final do século XX foi profícuo em estudos sobre o futebol, não só como prática esportiva, mas como fenômeno social articulado às dinâmicas do desenvolvimento da sociedade capitalista. No Brasil, principalmente a partir da década de noventa, foram produzidas algumas pesquisas que procuraram discutir esta relação. Geógrafos, sociólogos, profissionais da educação física, historiadores, dentre outros, possibilitaram a ampliação dos horizontes de análises a respeito do futebol e os mundos do trabalho. Apesar das interpretações se apresentarem as mais variadas possíveis, todos compartilham da preocupação em evidenciar a relação entre o futebol e o contexto da sociedade capitalista¹.

Pires (1998) e Sigoli e De Rose Jr (2004) são alguns dos pesquisadores que discutem esta relação. Os autores partem do pressuposto de que parcelas dominantes da sociedade se apropriaram do esporte para reproduzir as estruturas de dominação que atendam seus interesses. Estes estudos têm contribuído significativamente na produção de uma leitura crítica sobre o modo como determinados princípios norteadores do universo esportivo, em particular do futebol, podem ser assimilados à lógica da reprodução do capital e utilizados para aprimorar as formas de exploração por meio da disciplinarização da força de trabalho.

Podemos encontrar também pesquisadores que investiram em explicitar as relações entre o futebol e a economia de mercado. Penna (2008) é um deles. Para a autora o capital tem utilizado e transformado o futebol em mercadoria. O processo de mercantilização desta prática esportiva se evidencia não apenas pela entrada de capital privado para seu financiamento, mas principalmente pela criação de um mercado próprio para os eventos, insumos e meios de produção que os cercam (PENNA, 2008, p.71). Não é por acaso que a

¹O estudo do futebol como fenômeno social cresceu consideravelmente no Brasil, principalmente a partir da década de 1990. Listamos alguns dos autores que discutem esta questão: Caldas (1990), Antunes (1992), Da Matta (1994), Sevckenko (1994), Pires (1998), Proni (1998), Pereira (2000), Mascarenha (2002) e Sigoli e De Rose Jr (2004).

Fédération Internationale de Football Association (FIFA)² construiu em torno do futebol seu próprio mercado. Para a Copa do Mundo de 2014, que será realizada no Brasil, a entidade já conta com seus “parceiros comerciais”³. São instituições e empresas que têm buscado a partir do investimento e associação ao mercado esportivo formas de ampliação de seus capitais.

Indo um pouco mais além nesta discussão, Proni (1998) argumenta que a adoção de métodos empresariais na gestão do futebol, contribuiu na transformação deste esporte em um produto rentável para a indústria do entretenimento. Hoje as emissoras de TV são algumas das empresas que mais lucram com o futebol. A disputa pelos direitos de transmissão dos jogos representa o quão lucrativo se tornou o futebol na atualidade⁴.

Apesar das reflexões destes autores serem fundamentais, a linha que orienta estes trabalhos tem produzido uma explicação essencialmente estrutural da relação entre o futebol e a sociedade capitalista, destacando principalmente os mecanismos de assimilação, adequação, mercantilização e dominação exercido pelo esporte. A principal característica destes estudos é descrever e explicar o uso dos princípios competitivos do esporte nos processos de disciplinarização do trabalho. Ao fazer isso, estas pesquisas não tem permitido um diálogo mais amplo com as experiências dos sujeitos sociais.

Neste sentido, temos como propósito neste trabalho realizar um estudo que vai à contra mão destas pesquisas elencadas acima. Ao dizermos que buscamos percorrer um caminho diferente, não o fazemos com o propósito de desqualificar o trabalho dos pesquisadores. Mas o dizemos no sentido de afirmar que buscamos no desenvolvimento deste estudo estar comprometidos com os próprios trabalhadores, e assim com a elaboração de uma História vista de baixo como observou Hobsbawm (1988).

Fizemos um caminho parecido com o que vem sendo feito por pesquisadores como Ferreira (2007) em *Os trabalhadores e os territórios de futebol em Blumenau-SC (1980-1970)*, Portelli (2010) em *Ensaio de História Oral* e Roque (2010) *Memórias em campo: jogadores operários em São José dos Campos (1975-2010)*, os quais tem entendido que é de fundamental importância pesquisar o(s) significado(s) do esporte nas relações sociais estabelecidas historicamente. Acreditamos que apesar de estes pesquisadores terem suas

²*Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) é responsável por gerenciar o futebol em todo o globo. Atualmente a entidade conta com 208 federações nacionais afiliadas. Para mais informações ver o seguinte endereço eletrônico: <<http://pt.fifa.com/>>

³ Para saber mais sobre os parceiros comerciais da FIFA para a Copa do Mundo de 2014 ver o seguinte endereço eletrônico: <<http://pt.fifa.com/worldcup/organisation/partners/index.html>>

⁴ Para saber mais ver o seguinte endereço eletrônico: <<http://observatoriomidiaesportiva.blogspot.com.br/2012/07/notas-sobre-transmissao-dos-jogos.html>>

próprias problemáticas, tempo e espaço e perspectivas teóricas e metodológicas diferenciadas, todos possuem um denominador comum: a utilização de fontes orais.

Também utilizamos neste trabalho as fontes orais, pois pareceu-nos a forma de trabalho que mais se articulou aos objetivos desta pesquisa, uma vez que temos a possibilidade de analisar e explicar o futebol no universo da produção agroindustrial de Marechal de Cândido Rondon a partir das percepções dos trabalhadores. Ao todo foram realizadas seis entrevistas com operários do frigorífico Swift Armour. As notícias do programa Frente Ampla de Notícias da Rádio Difusora, que complementam nossas fontes, foram utilizada para conhecermos melhor o contexto de atuação das empresas em questão.

Em termos teóricos esta pesquisa apoiou-se na perspectiva de investigação social desenvolvida pela historiografia marxista inglesa cuja principal preocupação consistia em propor a escrita de uma História a partir das experiências de pessoas comuns, os trabalhadores. Creio que Thompson (1998) desenvolveu esta prática tendo ao fundo duas preocupações fundamentais e políticas: contrapor-se às interpretações apologéticas sobre a sociedade industrial que veem o progresso capitalista como inevitável; e recuperar para a centralidade da pesquisa histórica os conflitos de classe encarnados em homens e mulheres. Essas preocupações, ainda, parecem ter grande sentido se forem tomadas como problemas, afinal há muito tempo a história do capitalismo deixou de ser tratada como uma narração “idílica” do “progresso” da humanidade.

Buscando analisar o papel do futebol no universo dos operários organizei o texto em dois momentos. O primeiro “Futebol: das elites às classes populares” discuto como o futebol resulta do contexto Inglês do século XIX. Busco explorar como este esporte foi utilizado pela burguesia como um elemento importante de distinção social entre a elite inglesa e o proletariado. Também analiso como a prática esportiva não tardou a fazer parte da vida da classe trabalhadora.

No segundo momento “O futebol nos mundos dos operários da Swift Armour entre 1979 e 1989” analiso como os trabalhadores compartilharam modos de viver comuns e organizaram espaços de lazeres que fugiam do controle da indústria. Também exploro que através do futebol os operários constituíram laços de sociabilidade, criatividade e solidariedade.

FUTEBOL: DAS ELITES ÀS CLASSES POPULARES

O Brasil é considerado por muitos o país do futebol. Esporte de gosto popular, que movimenta uma rica indústria esportiva, o futebol é objeto de especialista e de gente comum. Os debates travados entre os diversos atores sociais evocam consensos e dissensos, ou seja, provocam um turbilhão de polêmicas em relação ao futebol. Quem nunca se questionou a respeito de qual foi o melhor jogador de todos os tempos: Pelé e seus mais de mil gols, Garrincha com seus dribles desconcertantes ou ainda o argentino Maradona e sua habilidade que deixava os adversários atordoados? Certamente esta questão não é facilmente respondida, talvez nem haja resposta.

O fato é que praticado nos grandes estádios, mas também nas várzeas, nos terrenos baldios e até mesmo nas ruas, o futebol como um fenômeno social tem provocado ódio e amor, alegria e tristeza, dominação e resistência. Articulado com o desenvolvimento da sociedade capitalista o futebol é marcado e carregado pela contradição. A experiência de vida do jogador Garrincha, citado acima, é uma evidência concreta disso.

Este “gênio da bola” foi sem sombra de dúvidas um dos maiores craques do universo esportivo. Ao mesmo tempo em que seus dribles atraíram os olhares dos seus companheiros de trabalho era visto pelos clubes como um jogador importante para a conquista de títulos. Garrincha é lembrado até hoje por estudiosos do futebol, como também por trabalhadores, pelas suas façanhas com a bola nos pés. Seus dribles estão vivos nas memórias dos sujeitos sociais que tiveram o “prazer” de ver suas habilidades à prova nos campos.

O que podemos extrair da experiência vivida por Garrincha é que o futebol pode ser ao mesmo tempo um elemento utilizado pela classe dominante – Garrincha jogou como profissional no Botafogo a partir de 1953 e fez parte da seleção brasileira campeã mundial em 1958 e 1962–, como pelos próprios trabalhadores – o jogador fez parte do time de operários da indústria de tecelagem Cia. América Fabril de Pau Grande, Rio de Janeiro nos anos de 1949. Sua trajetória de vida foi marcada pela relação que se estabeleceu entre futebol e trabalho. Foi por ter uma performance extraordinária com a bola nos pés que Garrincha conseguiu se manter no trabalho. E por ocupar um lugar no time na fábrica que trabalhava que este conseguiu visibilidade para despontar no cenário do futebol profissional (ANTUNES, 1992).

A importância social do futebol na sociedade contemporânea chama a atenção de historiadores, sociólogos e antropólogos e tem se tornado objeto de vários estudos. Na área de História, um dos primeiros estudos que buscou analisar em termos históricos o desenvolvimento do futebol a partir da perspectiva dos trabalhadores foi Eric Hobsbawm (2008). Seus estudos tomaram como cenário a Inglaterra do século XIX, durante o processo de expansão da atividade industrial. Neste contexto histórico o futebol emergiu não apenas como um fenômeno social, mas também como um objeto de disputa simbólica entre a burguesia e a classe trabalhadora.

Na Inglaterra do século XIX surgem ruas, bairros e cidades industriais. “Ao som ininterrupto dos teares e motores, orquestrado por homens, mulheres ou crianças, as fábricas constroem um novo mundo à sua imagem semelhança” (STÉDILE, 2011, p.33). As fumaças expelidas pelas chaminés destas fábricas tomam conta do ambiente urbano e transformam a paisagem em um verdadeiro cenário de *fortalezas cinzentas*⁵. Os trabalhadores aglomerados em casas de três a quatro cômodos, erguidas em sombrios quarteirões, formam bairros operários, onde as ruas são em sua maioria sujas, sem esgotos, e os detritos dos vegetais e animais exalam um odor nada agradável (ENGELS, 1988, p.38).

Os cenários dos trabalhadores ingleses descritos, de forma magistral, por Engels em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* refletem – não de maneira mecânica – as percepções do autor sobre o processo de industrialização por qual passou a Inglaterra no século XIX. A industrialização gerou profundas transformações nas vidas das pessoas. O modo de viver da classe trabalhadora foi substancialmente alterado no decurso daquele século. Alocados em “bairros de má reputação” – distantes da burguesia; morando em cortiços ou pequenas casas – com umidade e pouca ventilação, o que favorecia a proliferação de doenças; vivendo na miséria; vestindo roupas em péssimo estado; e alimentando-se esporadicamente os trabalhadores tiveram que “adaptar-se” a um modo de vida baseado no trabalho industrial (ENGELS, 1988).

Expropriados dos meios para a produção da vida material, os trabalhadores foram empurrados a extrair sua subsistência empregando-se nas indústrias⁶. O espaço industrial era o

⁵ Fazemos alusão ao título do trabalho **Entre Colinas Verdes e Fortalezas Cinzentas**: o Senhor dos Anéis e a Crítica à Modernidade de Lucas André Berno Köll. Ver mais em: KÖLL, Lucas André Berno. **Entre Colinas Verdes e Fortalezas Cinzentas**: o Senhor dos Anéis e a Crítica à Modernidade. Marechal Cândido Rondon, 2010. Trabalho Acadêmico (TCC) – História, UNIOESTE.

⁶ Marx em *O Capital* discute os processos de expropriação dos meios de produção dos trabalhadores. O autor apresenta de maneira bastante interessante que para o capital é necessário a expropriação de todos os meios que o trabalhador dispõe para a produção da vida material: terras, ferramentas, costumes etc. Somente expropriado o trabalhador se vê “obrigado” a vender sua força de trabalho a um capitalista. O desenvolvimento do capitalismo na visão de Marx foi um processo – além de tantos outros – de expropriação dos meios de produção

local no qual a disciplina, hierarquia, rendimento, controle do tempo e a divisão do trabalho se apresentavam intensamente. A organização do processo de trabalho ditado pelo ritmo da máquina explorava os operários, maximizava a produção e conseqüentemente elevava os ganhos da crescente classe burguesa.

É neste contexto de intensificação da exploração da classe trabalhadora por qual passava a Inglaterra que emergiu “um proletariado industrial e uma nova burguesia” que “se definiam um contra o outro por meio de maneiras e estilos de vida e ação coletiva” (HOBSBAWM, 1998, p.258).

A burguesia engendrou no século XIX diversos mecanismos para a construção de um modo de vida e uma cultura da sua classe. Diferenciar-se claramente, em várias dimensões da vida humana, dos trabalhadores, camponeses e de outros ocupados em trabalhos manuais passou a ser fundamental para o estabelecimento de um *status* burguês. “Critérios identificáveis”⁷ foram constituídos com esse propósito e visavam estabelecer modos de definição e diferenciação de classe.

Hobsbawm (1998) sugere que a educação formal foi o principal indicador do pertencimento de classe para burguesia. Ela se tornou significativa não apenas pelos retornos financeiros que poderia trazer, pois “Poucos homens de negócio do século XIX era formados em alguma coisa”. Mas principalmente para evidenciar que os adolescentes da classe “tinham condições de adiar a tarefa de ganhar a vida”⁸. Através das instituições de ensino, a burguesia constituiu verdadeiras redes informais e pessoais, de mutua lealdade, de parentesco, e de transações comerciais que visavam beneficiá-la.

No esporte não foi diferente. Até o século XIX na Inglaterra os jovens aristocratas experimentavam várias formas de proeza física, mas o “campo que se especializavam era o dos exercícios ligados à equitação e à matança, ou pelo menos ao ataque aos animais e às pessoas: a caça, o tiro, a pesca, as corridas de cavalos, a esgrima e coisas semelhantes”. A palavra “esporte” era originalmente utilizada e restrita a tais atividades. Os jogos e competições físicas eram identificados como “passatempo” (HOBSBAWM, 1998, p. 256).

da subsistência do trabalhador. No entanto, como o próprio Marx, aponta esse processo não foi harmônico, mas conflituoso. Os trabalhadores resistiram de forma intensa ao desenvolvimento das relações sociais capitalistas. Ver mais em MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 2. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

⁷ Em *Quem é quem ou as incertezas da burguesia* Hobsbawm destaca que somente o dinheiro para a burguesia não atribuía um *status* de respeito e privilégio para si e para sua descendência. Era preciso estabelecer modos de pertencimento de classe (HOBSBAWM, 1998, p.245).

⁸ Ter dinheiro e poder estender ao máximo a tarefa de trabalhar passou a ser um importante elemento no estabelecimento de pertencimento de classe. Ao fazer isso a burguesia diferenciava-se não apenas dos trabalhadores, mas também dos aristocratas proprietários de terras. Na medida em que estes proprietários não conseguiam manter tal estilo de vida para seus filhos e filhas se isolavam num mundo provinciano em desaparecimento (Idem, Ibidem).

A burguesia, neste contexto, não apenas se apropriou como transformou os modos de vida dos nobres⁹. Um elemento importante deste processo foi a defesa do esporte enquanto uma atividade amadora. A burguesia defendia o amadorismo com dois objetivos bastante claros: atribuir aos esportes um critério próprio de sua classe e afastar os trabalhadores dos espaços frequentados pela elite. Oferecer a possibilidade de galgar através do esporte a uma situação de vida melhor não era vista com bons olhos pela burguesia.

O ideal amador nada mais significava na prática do que a defesa da exclusividade de determinadas atividades esportivas a uma classe social. Neste sentido, a burguesia fora responsável por atribuir novos significados aos esportes. Os códigos estabelecidos por ela às praticas esportivas buscavam endossar principalmente características de diferenciação social. Coragem, atenção, disciplina, caráter, espírito de grupo e determinação em vencer dos “verdadeiros líderes” passariam a compor o vocabulário do universo esportivo e eram exaltados constantemente pelos burgueses (ANTUNES, 1992, p.14).

Deste modo, foi neste cenário que o futebol emergiu no contexto social da Inglaterra no século XIX como uma prática restrita à elite inglesa. Para Antunes (1992, p.12)

O futebol, tal como o conhecemos hoje, teve suas regras padronizadas em meados do século XIX na Inglaterra, em colégios frequentados por jovens oriundos das camadas sociais mais favorecidas, a partir de um jogo de origem popular chamado *hurling over goals*¹⁰. Ao se apropriar de uma prática de longa tradição popular, a elite inglesa lhe atribuiu novos significados. O jogo se transformou em prática desinteressada, diletante e exclusiva de uma determinada classe social. (grifos do autor)

Diversos jogos populares faziam parte da grade curricular das instituições de ensino inglesas e foram ali que sofreram algumas regulamentações¹¹. O futebol é fruto deste processo. A partir do estabelecimento de códigos e normas pela burguesia o jogo popular se

⁹ Para Hobsbawm é um erro considerar que a burguesia abdicou dos valores burgueses perante os valores aristocráticos. Segundo o autor o que a burguesia fez foi assimilar os valores aristocráticos morais – a socialização, por exemplo, presentes nas “escolas públicas” – e lhe atribuiu outros significados destinados a uma sociedade burguesa e para seus serviços públicos (HOBSBAWM, 1998, p.257).

¹⁰ Segundo Antunes (1992) este jogo era derivado de uma antiga disputa brutal entre dois povoados – *hurling over country*. O vencedor do jogo seria aquele que conseguisse levar a bola até o centro do povoado adversário. Devido a violência dos jogos as autoridades inglesas estabeleceram certas imposições ao jogo e originaram um novo código. No século XIX os colégios e universidades adotaram o jogo como uma atividade curricular.

¹¹ O estabelecimento de normas, regras e regulamentações aos jogos foram intensamente implementadas no século XIX, pois os estudantes da elite inglesa nos períodos livres praticavam as atividades que bem entendessem. De maneira geral os jovens, se entretinham “invadindo” propriedades privadas, cometendo atos de “vandalismo”, beberagens, arruaças e com frequência praticavam jogos populares de forma violenta e vulgar. As regulamentações estabelecidas aos jogos populares nestas escolas foram utilizadas como importantes mecanismos para estabelecer regras e disciplinas aos jovens. Buscando com isso controlar os ditos atos “desviantes” destes adolescentes (SIGOLI E DE ROSE JR, 2004).

desdobrou em dois esportes diferentes. O “*football*, jogado exclusivamente com os pés, e o *rugby*, onde o uso das mãos no toque da bola também era permitido” (BORSARI apud ANTUNES, 1992, p.14-15).

Em 1863 foram instituídas outras normatizações ao futebol. Clubes e colégios ingleses naquele ano fundaram na cidade de Londres a *Football Association* que estabelecia, dentre outras coisas, o consenso em torno de algumas regras à prática esportiva (STÉDILE, 2011, p.34). Progressivamente estas regras foram sendo aceitas e adotadas em diversas instituições na Inglaterra

(...) de forma que oito anos mais tarde foi criada a Copa da Inglaterra. Àquela altura dos acontecimentos, o futebol já deixara de ser um jogo exclusivo de estudantes no cumprimento particular das atividades curriculares, para tomar-se prática disseminada também pelos clubes, formados tanto pelas elites quanto por elementos da classe média urbana, a grande maioria ex-estudantes com interesse em continuar jogando futebol. (MASCARENHA, 2002, p. 85)

Restrito e praticado principalmente pela burguesia, o futebol, a partir das regulamentações, foi utilizado como um elemento importante na distinção social entre a elite inglesa e o proletariado. A burguesia defendia o amadorismo e conseqüentemente recusava o profissionalismo do esporte. Buscava a partir disto, evidenciar que sua classe tinha tempo ocioso para desenvolver outras atividades, como jogar futebol. Entretanto, mesmo com a burguesia buscando defender a exclusividade do futebol à sua classe, não foi o suficiente para impedir que o esporte caísse no gosto dos trabalhadores¹².

Segundo Stédile (2011, p.39):

Os operários foram responsáveis por retirarem a prática do esporte, até então restrita aos colégios e associações de elite, para popularizá-lo, difundi-lo e incorporá-lo como parte de uma cultura proletária. Acompanhando o crescimento dos bairros e cidades industriais, confundiu-se com a identidade local e de classe, passou a ocupar o tempo livre do operariado (...).

¹² Faltam estudos consistentes que evidenciam como foi esse processo de apropriação e adesão do futebol pelos trabalhadores. Hobsbawn também não conseguiu resolver esta questão. O que existe a respeito é uma interpretação de que a adesão dos operários ao jogo é explicada “pelo vácuo surgido nos lazeres populares, entre 1820 e 1860, com êxodo para as cidades que extinguiu as práticas como uma versão primitiva do futebol, o adestramento de cães para atacar ursos e briga de galo. Além da perda do espaço e das práticas comunais, enfrentavam um combate moralizador empreendido pelas elites britânicas” (GIULIANOTTI apud STÉDILE, 2011, p.36-37).

Ao incorporar-se entre os trabalhadores, o futebol deixou de ser objeto exclusivo da classe dominante. Hobsbawm ao investigar o universo social da Inglaterra no final do século XIX destaca que o “futebol como esporte proletário de massa – quase uma religião leiga – foi produto da década de 1880” (HOBSBAWM, 2008, p.268). Segundo o historiador a prática esportiva se inseriu como importante componente da classe operária britânica, ocupando o tempo livre do operariado, “o esporte, discutido com perícia, era com predominância o assunto mais comum das conversas de bar” (HOBSBAWM, 2008, p.273).

Neste processo, diversos clubes operários surgiram na Inglaterra no final do século XIX. Como:

O Dial Square (depois Arsenal Football Club) formado por operários da Woolwich Arsenal Armament Factory, o Coventry por empregados de uma fábrica de bicicletas, o West Ham dos trabalhadores do estaleiro Thames Ironworks and Shipbuilding Co. Ltd ou Millwall, dos trabalhadores da fábrica de geleia Morton's Jam. (HOBSBAWM apud STÉDILE, 2011, p. 38)

A criação destes clubes é uma evidência do processo de disputa em torno do sentido do futebol entre o operariado e as elites inglesas. Através destes times os trabalhadores constituíam seu próprio espaço de lazer e ao mesmo estabeleciam e estendiam redes de sociabilidade. Como observou Hobsbawm, estes times formavam parte da identidade social e geográfica do operariado na Inglaterra, pois muitos times se constituíram a partir de bairros operários.

No Brasil, segundo Mascarenha (2002, p.86-87) é praticamente impossível precisar com exatidão a porta de entrada do futebol no país.

Praticamente não há dúvidas de que o futebol foi introduzido na Argentina através de Buenos Aires; no Uruguai, por Montevideo; no Chile, por Valparaíso; na Itália, por Gênova e na França pelo porto normando de Le Havre. No Brasil, entretanto, a imensidão territorial e a existência de numerosos portos dificulta localizar um único ponto no mapa para este fim.

A dimensão territorial dificulta ainda apontar um momento e lugar preciso para a entrada do esporte no país. Porém é consenso que foi, enquanto atividade, distintiva da elite social que o futebol chegou ao Brasil (ANTUNES, 1992, p. 12).

Da mesma forma que na Inglaterra o futebol em terras brasileiras foi um esporte inicialmente praticado principalmente pela classe dominante. Os funcionários que ocupavam altos cargos e chefes das indústrias inglesas, estudantes que retornavam ao Brasil, tendo

contato com o esporte na Europa, escolas religiosas e outras comunidades de imigrantes tiveram papel fundamental em tornar o futebol conhecido no país (STÉDILE, 2011, p 40).

Assim, como na Inglaterra o futebol no Brasil não tardou em chamar a atenção dos trabalhadores que não faziam parte da elite inglesa aqui radicada. Os jogos atraíam os olhares da classe trabalhadora e foi entre esta classe que o esporte adquiriu outros contornos.

Nesta direção procurarei discutir a partir de agora como os trabalhadores produzem em sua experiência de viver e trabalhar outros sentidos e significados para o futebol. Para tanto apresentarei o estudo realizado junto aos operários da indústria de alimentos Swift Amour em Marechal Cândido Rondon, entre os anos de 1979 e 1989.

O FUTEBOL NOS MUNDOS DOS OPERÁRIOS DA SWIFT AMOUR ENTRE 1979 E 1989

No final da década de 1970 já era possível observar que o futebol atraía a atenção de diversos trabalhadores da nascente indústria de alimentos em Marechal Cândido Rondon. Com a instalação da Swift Armour¹³ (1979) começaram a ser criados espaços de lazer, em particular foram estimulados a formação de times de futebol que integravam desde trabalhadores até gerentes das fábricas.

Interessante observar que a formação de times de futebol a partir do espaço fabril no Brasil não é um fenômeno exclusivo de Marechal Cândido Rondon e muito menos algo apenas da década de 1980. Estudos realizados por Antunes (1992) indicam que no começo do século XX já se esboçava a formação de times de futebol no espaço das indústrias. O caso mais conhecido é do time chamado The Bangu Athletic Club (Bangu) fundado em 1904 por funcionários ingleses da fábrica Cia. Progresso Industrial Brasil no Rio de Janeiro. O time era composto tanto por técnicos e mestres especialmente contratados na Inglaterra quanto por operários da tecelagem (ANTUNES, 1992, p. 30-31).

Para alguns autores a relação entre futebol, trabalhadores e indústrias constituísse fundamentalmente numa estratégia adotada pelas indústrias para dominar, controlar e disciplinar os trabalhadores. Anatol Rosenfeld apresenta uma leitura de que o incentivo do futebol entre os operários seria uma forma de domesticar seus corpos para o trabalho e infundir neles um sentimento de grupo (ROSENFELD apud ANTUNES, 1992). Outra elaborada por Waldenyr Caldas critica esta visão que coloca o futebol como uma forma de aprimorar a disposição física dos operários ao trabalho e conseqüentemente aumentar a produção (CALDAS apud ANTUNES, 1992). O principal argumento utilizado por Caldas é de que nos times e jogos das fábricas nem todos os trabalhadores participavam. Já a interpretação construída por Alfred Wahl diz que através do esporte (futebol) criava-se uma identificação clube-empresa, suscitando a crença de que jogadores, trabalhadores e patrões

¹³A Swift Armour S/A empresa multinacional fundada em 1860 na cidade de Chicago, Estados Unidos (EUA) entrou no mercado brasileiro em 1912, com filial no Rio de Janeiro (RJ). Em 1979 instalou sua planta produtiva em Marechal Cândido Rondon (PR) aproveitando as instalações do frigorífico Marechal Rondon – FRIRONDON e atuou até 1989. O processo de instalação do frigorífico em Marechal Cândido Rondon, marcou a vinda de alguns trabalhadores para o município, especialmente do Rio Grande do Sul, onde a indústria já tinha um frigorífico em pleno funcionamento pelo menos desde a década de 1940 (SEIBERT e KOLLING, 2006).

formavam uma grande família. O sentimento de integração poderia, assim, reduzir os conflitos no local de trabalho, otimizando a produção (WAHL apud ANTUNES, 1992).

No entanto, como Antunes (1992) argumenta, o futebol entre os trabalhadores não pode ser definido de maneira unilateral. Certamente, sob alguns aspectos ele pode representar uma forma de controle por parte dos empresários sobre os trabalhadores, mas por outro lado ele também foi apropriado pelos trabalhadores a sua própria maneira.

Penso que o futebol no espaço fabril não pode ser reduzido a pura dominação ou simples artefato de resistência. Ele se constitui nos conflitos entre trabalhador e empresa, como expressão das contradições que caracterizam as relações sociais de produção no interior do capitalismo. É nesta perspectiva que procurarei analisar a experiências dos trabalhadores em Marechal Cândido Rondon na indústria de alimentos Swift Armour entre os anos de 1979 e 1989.

Assim sob esta perceptiva cabe inicialmente indicar que procuro entender o significado social do futebol nas relações de trabalho a partir dos trabalhadores. Neste sentido o que busco trazer a seguir é uma análise do futebol realizado pelos próprios operários. Para tanto, me pareceu necessário recuperar suas trajetórias de vida e trabalho.

Ao trabalhar com a metodologia de entrevista¹⁴ acreditamos que o entrevistador cria as condições para ampliar sua leitura sobre o significado das experiências vividas pelos trabalhadores. A partir da narrativa da história de vida poder-se-á contextualizar as lembranças sobre os sentidos e significados atribuídos as experiências constituídas no trabalho industrial. Isto parece fundamental quando se encara os relatos orais não como fontes de informações, mas como processo de interpretação feito por sujeitos históricos e socialmente constituídos.

O universo de trabalhadores entrevistados durante a pesquisa é formado por operários que trabalharam na indústria Swift Armour. Ao todo foram seis pessoas com as quais conversamos. Marcados por trajetórias de vida e trabalho semelhantes estes operários em conjunto com outros, compartilharam experiências e modos de viver comuns. Apropriaram-se dos espaços constituídos pelo processo social de industrialização e constituíram determinada vida operária baseada na sociabilidade, criatividade e solidariedade.

¹⁴Neste processo de utilização das fontes orais optamos pela realização de entrevistas de *histórias de vida* com trabalhadores que atuaram na indústria Swift Armour entre os anos de 1980 e 1990. Esta forma de trabalho parece aquela que mais se articula aos objetivos e propósitos desta pesquisa, pois as entrevistas de história de vida têm como interesse “o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou” (ALBERTI, 1989, p.20).

Felipe¹⁵ é um destes operários. Nascido em Nova Aliança do Ivaí – Paraná percorreu diversas cidades trabalhando em plantações das mais variadas. A falta de estabilidade no campo aliado à expectativa de arrumar emprego com carteira assinada lhe empurraram para Marechal Cândido Rondon. Ali, com sua família se instalou em 1979.

Começou a trabalhar na Swift Armour no mesmo ano em que chegou ao município. Era responsável por cortar os suínos ao meio e distribuí-los nas mesas rolantes para que outros trabalhadores pudessem dar continuidade ao processo. Felipe, conhecido na linha de produção por ensinar outros trabalhadores na lida com a faca, instrumento inseparável das relações de trabalho dos frigoríficos, organizou sua vida ao redor da fábrica. Morou com sua família em uma casa da vila operária¹⁶. Fora das quatro paredes da indústria desempenhava outro papel importante: organizar as festas que reunia os operários.

Segundo Lopes (1988) a relação fábrica e vila operária tem por característica geral a busca pelo controle da força de trabalho não somente na produção, mas também em outras esferas da vida social dos trabalhadores. Baseado em um determinado modelo paternalista da produção, a vila operária foi, uma das estratégias utilizadas pela Swift Armour para que os trabalhadores organizassem suas vidas sob a tutela do frigorífico. Entretanto, trabalhadores como Felipe, se apropriaram dos espaços construídos *para* a classe operária e tornaram a vila em um lugar da cidade *da* sua classe¹⁷. Festas, bailes e jogos de futebol foram organizados e se constituíram como importantes elementos no cotidiano dos operários.

A casa de Felipe era um dos locais onde os operários se reuniam. Ali, danças e conversas iam noite adentro. Organizado pelos próprios operários as festas – realizadas geralmente à noite, depois de um longo dia de trabalho e nos sábados e domingos – se tornaram uma das principais formas destes sujeitos se sociabilizarem. Francisca¹⁸ esposa de Felipe nos descreve como era essas festas:

Essa casa aqui, nós amontoava todos os moveis. Nós juntava tudo que tinha na casa ponhava num quarto e no resto nós dançava a noite inteira. (...) Nessa casa mesmo aqui. As vezes nós pegava tudo que tinha dentro da casa e ponhava lá na área né? E arrumava um canto só pra ter um colchão. Lá nos

¹⁵ Felipe, 59 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira em 04-05-2013. Foram utilizados pseudônimos para preservar a identidade dos trabalhadores.

¹⁶ As estratégias utilizadas pelo empresariado neste contexto para atrair mão de obra para as indústrias foram as mais variadas. A Swift Amour, por exemplo, oferecia casas para os trabalhadores morarem. Eram mais de cinquenta casas que compunham a vila operária do frigorífico.

¹⁷ Uma discussão mais aprofundada sobre como os espaços de sociabilidade podem ser *para* e *da* classe ver: BOSI, Antônio de Pádua. A recusa do trabalho em frigoríficos no oeste paranaense (1990-2010): a cultura da classe. In: **Diálogos** (Maringá. Online), v. 17, n.1, p. 309-335, jan.-abr./2013.

¹⁸ Francisca, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira em 04-05-2013.

jogava a criançada e amanhecia o dia dançando. Esse chão aqui mesmo, foi tirada várias vezes a tinta dele dançando, a casa fazia assim (risos).

A casa de Felipe e Francisca se tornou um lugar de encontro dos operários na década de 1980. Francisca se lembra deste período de sua vida com alegria e a sua narrativa evidencia como os operários organizaram espaços de sociabilidade, como as festas, que os integrava para além das quatro paredes do frigorífico.

A forma que estas festas eram organizadas estava diretamente ligada com as relações que se estabelecia entre o operariado no interior do espaço fabril. Era na fábrica que os trabalhadores se comunicavam e organizavam quando e onde seria o lugar das festas. Felipe nos relata este aspecto:

Eles comentavam assim, fulano esta de aniversário, “vai ser na casa do Lino”, espalhavam um pro outro e daí ia. (...) nós trabalhava todo mundo junto né pia. Sabe né. Um fala pro outro, que fala por outro, nós trocava ideia, mesmo trabalhando em setores diferentes nós se via, nós se comunicava, trabalhava no setor de câmara fria. O pessoal do abate um falava pro outro e ia passando pro outro.

Quando o espaço da casa já não era mais suficiente os operários se reuniam no salão de um colégio ao lado da vila

Olha, pra você ter uma ideia nos fazia. Você tava no salão do colégio ali? Então, naquele salão do colégio **nós mandava ali**. Nós queria fazer uma festa, o povo foi crescendo, já não dava mais pra fazer dentro da casa, daí nos tinha um eventinho maior, vamos fazer ali no colégio. (grifos nossos)

A narrativa de Felipe evidencia como os trabalhadores percebiam os espaços no qual se realizavam as festas. O colégio mencionado não era dos operários, mas o significado atribuído é de que o lugar realmente pertencia a eles “nós mandava ali”.

Além desses encontros, os operários se interessavam por um esporte que se tornou bastante popular no município, o futebol. Este esporte foi outro importante elemento da vida operária na década de 1980.

Um dos apaixonados pelo futebol era Guaíba¹⁹. Natural de Xavantina – Santa Catarina era o filho mais novo de um casal de agricultores. Trabalhou no campo até os dezesseis anos de idade. Após a morte de seu pai as dificuldades enfrentadas no campo aumentaram e ele foi

¹⁹ Guaíba, 66 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira em 07-05-2013. Ficou conhecido como “Guaíba” no frigorífico por falar muito sobre futebol. Seus companheiros de trabalho deram esse apelido em menção a Rádio Guaíba que transmite os jogos de futebol no Rio Grande do Sul.

obrigado a procurar trabalho em uma indústria na cidade vizinha Seara - SC. Logo conseguiu emprego em um frigorífico que levava nome do município. Ali, adquiriu experiência com o trabalho industrial e desenvolveu habilidades na lida com a faca.

Guaíba mudou-se para a região Oeste do Paraná na década de 1970. Por ter experiência com o trabalho em frigoríficos foi “disputado” pelas indústrias da região. Começou a trabalhar na Swift Armour na década de 1980. Tornou-se conhecido na fábrica não apenas pela destreza que realizava os movimentos no corte da carne, mas também pela disposição que tinha em organizar o futebol entre os operários.

As partidas atraíam os trabalhadores que se aglutinavam ao redor do campo para ver os jogadores. Guaíba descreve esse cenário:

(...) daí as mulheradas levavam pipoca, levavam chimarrão (...). No sábado de tarde, aqui embaixo, isso aqui enchia. Vinha todo mundo. As mulheradas iam todo mundo torcer. Um marido de um, outro marido de outra. Outra namorada, tudo enchia. Era gostoso! O sábado a tarde passava ai que nem via.

O campo que se disputava os jogos de futebol e atraía a atenção dos operários era cuidado pelo próprio Guaíba. Ficava localizado dentro da vila operária em um local cedido pela Swift Armour. Construído pelos trabalhadores o espaço se tornou um dos lugares mais frequentados nos finais de semana.

Uma das características marcante do futebol no espaço fabril é a “auxílio” que direção da empresa dispõe aos times dos trabalhadores. Ceder um espaço do terreno da fábrica para a construção de um campo de futebol é prática recorrente já no início do século XX. Antunes argumenta que o time dos operários da Cia Progresso Industrial Brasil no Rio de Janeiro jogava no início do século XX no campo que ficava localizado dentro da área da indústria (ANTUNES, 1992, p. 32).

Um dos operários que jogava futebol nos diversos campeonatos internos organizados no campo em que Guaíba cuidava era José²⁰. Natural de Crissiumal – Rio Grande do Sul percorreu por várias cidades em busca de melhores condições de vida. As dificuldades de sobrevivência no campo e as expectativas de empregos anunciadas em Marechal Cândido Rondon criaram as condições para que ele migra-se para o município em 1984. No mesmo ano começou a trabalhar na Swift Armour. Por ser trabalhador do frigorífico logo conseguiu moradia na vila, isento de água e luz.

²⁰José, 58 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Marcos da Silva de Oliveira em 01-03-2011.

José participava de quase todos os jogos²¹ realizados na vila operária, mas o que mais gostava era o futebol. Aprendeu a jogá-lo ainda criança, quando morava no Rio Grande do Sul. Ao relatar como eram organizadas as competições no frigorífico José evidencia algumas questões. Vejamos:

Vamos dizer, eles faziam um assim, todo mundo que queria participar davam o nome, ia tudo os nomes para uma lista (...) então, ia tudo para um copo, daí a quantidade de jogador que tinha era sorteado. De cada sorteio que faziam sorteavam a chave, vamos dizer, como se fosse sortear o nome do time. Então, cada um que saia, era por sequência, saía um nome jogava no primeiro junto com o primeiro que foi sorteado, segundo, terceiro, quarto, quinto, às vezes dava oito, dez time, às vezes durava dois, três meses o torneio que eles faziam, só jogavam final de semana também, sábado a tarde e domingo.

A forma de organização dos jogos sugere que boa parte dos operários gostava do futebol, pois o número de times que participavam era elevado. Outro aspecto que chama atenção é a estrutura das competições. Os times eram formados por trabalhadores de qualquer setor, uma vez que os nomes dos jogadores eram sorteados. Isto nos leva a supor que mesmo havendo uma espécie de torneio. O fim dele não era a competição e sim a sociabilidade entre os operários.

Ocorrendo apenas nos finais de semana os jogos se prolongavam por mais de dois meses. Ali a competição e sociabilidade coexistiam. Mas o mais significativo para os operários era o quanto os jogos poderiam contribuir nas relações sociais entre eles. Ao ser questionado o que significava o esporte para os trabalhadores José destaca este aspecto da sociabilidade “(...) você tinha, lá você conversa com um, conversa com outro, faz uma coisa faz outra. Era um meio de distração”.

Outro trabalhador que não falta a um jogo era Bigode²². Natural do Rio Grande do Sul migrou para o oeste paranaense na década de 1970. Aprendeu a manusear os minuciosos cortes da linha de produção trabalhando em um frigorífico do município de Medianeira – Paraná. Ao se transferir para Marechal Cândido Rondon em 1979 começou a trabalhar na Swift Armour. Morou, assim como Felipe, Francisca, Guaíba e José na vila operária.

Bigode aprendeu a jogar futebol no Rio Grande do Sul e lá fez parte de um time composto por crianças pobres. Na Swift Armour ficou conhecido não apenas pela destreza em que executava os cortes na linha de produção, mas também pela habilidade com a bola nos

²¹ Os operários também jogavam jogos de cartas, como o “truco”.

²² Bigode, 57 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira em 04-05-2013.

pés. A velocidade em que executava os dribles ao passar pelos adversários impressionava os trabalhadores que assistiam as partidas.

Sua habilidade lhe rendeu uma vaga no time de futebol do frigorífico. Formado por operários, a equipe disputava com outras indústrias da região diversos campeonatos. O confronto entre Copagril²³ e Swift Armour foi durante a década de 1980 o grande clássico das indústrias de Marechal Cândido Rondon²⁴. José relata como era esses confrontos

Porque tinha rivalidade, mas era no jogo, um não queria perder para o outro né, mas dava uns baita jogo, até muita gente juntava nesse ginásio ali quando era final dos campeonatos. E só davam eles nas finais, era os dois times melhores que tinha na cidade.

Ao disputas entre as duas fábricas pareceu reproduzir no campo ou na quadra, a rivalidade de dois setores distintos da economia local. Um deles ligado ao setor de beneficiamento da produção do campo, principalmente a soja, e o outro do setor frigorífico de abate de suínos²⁵.

O crescimento e visibilidade da Swift Armour na cidade de Marechal Cândido Rondon esteve vinculada a sua influência e articulação com o esporte, mais especificamente o futebol. Em uma ligeira síntese diríamos que se tratou de um esforço desta indústria em associar seu nome ao desenvolvimento de atividades esportivas. É uma boa propaganda, pois o futebol se apresentou como um esporte bastante popular na cidade desde a segunda metade do século XX²⁶.

O time que “representava” a Swift Armour nos campeonatos contra equipes de outras indústrias era composto por operários de variados setores do frigorífico Bigode fazia parte deste time e trabalhava na evisceração. A fotografia abaixo evidencia esta questão:

²³ A Cooperativa Agroindustrial Copagril foi fundada em 09 de agosto de 1970. Em 2005 com a instalação de um frigorífico de aves entrou no ramo de produção e comercialização de carne. Desde 1973 possui a Associação Atlética Cultural Copagril (AACC), uma área com mais de 15 mil metros quadrados, que dispõem de campos de futebol, ginásios, pista de bolão, quadra de bocha etc. Para mais informações ver o endereço eletrônico: <www.copagril.com.br>. Acesso em 10/09/2013.

²⁴ O time formado pelos operários da Swift Armour foi campeão dos principais campeonatos de futsal de Marechal Cândido Rondon na década de 1980. Conhecido por Associação Esportiva Swift Armour (ASESA) o time conquistou em 1983 e 1984 os Troféu Difusora e Frente Ampla de Notícias. Estes dois campeonatos eram alguns dos principais do município e reuniam times de diversas empresas. Ver mais em: “ASESA, o novo campeão do Troféu Difusora” (FAN, 05/03/1983); “ASESA, Bi-Campeã do Troféu Difusora” (FAN, 12/03/1984); “Grande festa na final do Troféu Frente Ampla de Notícias” (FAN, 18/08/1984).

²⁵ “Sábado, ASES e AACC decidem título do Troféu Difusora” (FAN, 07/03/1984).

²⁶ A importância do futebol no município é evidenciada pelos diversos clubes e associações esportivas que foram criados a partir da segunda metade do século XX em Marechal Cândido Rondon. O Oeste Paraná Futebol Clube foi fundado 13/05/1954; Esporte Clube Flamengo em 12/01/1958; o Centro Cultural Recreativo Concordia em 14/09/1962 e o Sociedade Esportiva e Recreativa Botafogo em 18/10/1962. Sendo que mais tarde em 20/06/1967 foi constituída a Liga Rondonense de Esporte. A entidade existente até hoje é responsável por organizar o futebol no município (RIBEIRO, 1997).

FIGURA 1. Time de futebol suíço da Swift Armour em 1983



Fonte: Arquivo pessoal de Bigode e família.

Em pé da esquerda para direita: Mário (Abatedor), João (Abatedor e Serviço Administrativo) Aldo (Chefe da parte de abate), Fred (Produção Geral) e Lacir (Rainha do time) **Agachados da esquerda para direita:** Kiko (Enscador de toucinho – Servente), Elias (Abatedor e Desossador de pernil), Bigode (Eviscerador e Desossador de pernil) e César (Produção Geral).

Além de integrar desde chefes até operários da linha de produção o time contava com o “incentivo” e “auxílio” do frigorífico. Camisetas, bermudas, meias e bolas eram compradas pela indústria para que os operários tivessem condições de disputar os campeonatos. Para Antunes (1992) esta pratica de “subsidiar” os times dos trabalhadores era comum nas fábricas em São Paulo no século XX. O “auxílio” segundo a autora não se restringia, como já vimos, apenas em ceder o espaço para a construção do campo, mas também para comprar os insumos necessários para os jogos e competições que se realizavam fora do ambiente fabril.

Para o historiador Stédile (2011) o subsidio “além de formar uma imagem da empresa, internamente, como provedora das demandas de seus operários, a equipe de futebol pode se tornar ainda, externamente, um instrumento de propaganda daquela empresa e de seus produtos” (STEDILE, 2011, p.132). Ao realizar uma análise da constituição de clubes de fábrica em Porto Alegre Stédile argumenta que:

Subsidiar a equipe de futebol dos operários é também uma oportunidade para os interesses dos industriais. Primeiro, a prática esportiva está de acordo com o ideário de disciplina e treinamento do corpo para o trabalho. A regulação do tempo, a cooperação para o alcance de uma meta produtiva (gol), a

regulamentação contribuem para habituar o corpo e a mentalidade à disciplina fabril. Segundo, propicia a influência da fábrica – ou sua presença na vida cotidiana como referência – se dê para além dos muros e apitos da fábrica, ingressando no espaço do tempo livre. (STEDILE, 2011, p.132)

Seguindo esta linha de raciocínio poderíamos dizer que a Swift Amour soube utilizar o futebol para seus interesses. Não havia em Marechal Cândido Rondon no início da década de 1980 um número expressivo de trabalhadores habituados com o trabalho industrial, por isso era necessário entre outras coisas, criar elementos de identificação entre os operários. Neste sentido, o futebol foi um dos elementos que integrou os sujeitos sociais oriundos de diferentes regiões.

Os diretores da Swift Amour parecem ter entendido o papel que o futebol tinha entre o operariado. O investimento, principalmente no time que disputava os campeonatos com outras indústrias, foi uma forma da indústria através do futebol fazer propaganda de si e criar uma identificação entre a fábrica e os trabalhadores.

No entanto, como o próprio Stédile argumenta

(...) tal análise requer cautela para não resultar em uma conclusão mecânica e maniqueísta, onde o “pobre operariado” se vê “manipulado” pelos industriais, que transformam suas demandas em mecanismo de dominação. Os clubes, sim, foram utilizados como instrumentos de propaganda, fidelidade e disciplinamento pelas empresas. Mas, o subsídio da empresa é demandado pelos operários e, compreendo, como estratégia para acessar seus próprios interesses. (STEDILE, 2011, p. 133)

Não podemos entender a relação entre futebol, operários e indústria de forma unilateral, ou seja, partir apenas do que significava para a indústria o incentivo ao esporte. Se fizermos isso estaremos admitindo a dominação em todas as esferas da vida humana e negando a capacidade que os operários tiveram em atribuir outros significados ao futebol. Deste modo, é necessário entender como os trabalhadores se apropriaram destes subsídios que a indústria “oferecia”.

Manuel²⁷ foi outro operário que jogou pelo time da Swift Armour. Entrou no frigorífico em 1984 com 15 anos de idade para trabalhar na linha de abate. Trabalhou durante três anos cortando e desossando suínos até se tornar encarregado deste setor. Era habilidoso com a bola nos pés o que lhe assegurou uma vaga no time do frigorífico. Ao relatar sobre como era ser um operário-jogador do frigorífico Manuel destaca uma das estratégias utilizadas pelo empresariado neste período:

²⁷ Manuel, 43 anos, entrevista realizada por Marcos da Silva de Oliveira em 19-12-2011.

(...) Tinha uns que eles contratavam de fora, só ficavam lá no escritório de “bobeira”, só para dizer que, que no, nesse campeonato Sesiano que, que se disputava todo o Brasil até do Mercosul vinham time jogar né, tinha que ser funcionário da própria empresa para jogar. (...) Daí tinha que registrar a carteira para jogar. (...) Tirava lugar de alguns que estavam mais tempo lá dentro para botar os boleiros trabalhar.

A contratação de operários-jogadores para representar a empresa nos campeonatos, sejam eles, locais, regionais ou nacionais, eram recorrentes pela Swift Armour. Esta prática aparece também em trabalhos de outros pesquisadores. É o caso do estudo de Roque (2011) sobre o futebol no universo operário em São José dos Campos entre 1975 e 2010. Segundo a autora as fábricas joseenses contratavam ex-jogadores profissionais para compor o time das fábricas nos gramados, nas quadras e nas linhas de produção (ROQUE, 2011, p.6).

A prática realizada pela Swift Armour apresenta ao menos duas possibilidades de interpretação. Se para a indústria era uma oportunidade de divulgar e realizar a propaganda da indústria, uma vez que eram disputados jogos em várias regiões. Para o sujeito que foi contratado era uma possibilidade de conseguir um emprego, e ao mesmo tempo ser alocado em uma função que no interior do frigorífico os operários entendiam como menos cansativas e desgastantes. Deste modo, ser “bom de bola” significava entre outras coisas a possibilidade de arrumar um trabalho no frigorífico.

Apesar da destinação de recursos para o futebol pelo frigorífico nos parecer muitas vezes que os diretores da fábrica estivessem preocupados com os operários, na prática isto se realizava de forma diferente. Manuel na sua narrativa evidencia essa questão:

Meu emprego ficou igual para mim, teve outros jogadores que não, que, que foram tirados da empresa porque lá, não tinham, não eram profissionais que estavam lá só para jogar futebol. Daí foram deixados de lado, mandados embora, daí contrataram alguém que era capaz de fazer aquele serviço (...)

Os trabalhadores que com o passar do tempo não atendiam mais as necessidades imediatas da empresa (conquistar títulos) eram mandados embora e no lugar deles se contratavam sujeitos que pudessem desempenhar as tarefas na linha de produção com melhor destreza. Isto demonstra que a preocupação da Swift Armour não era oferecer o futebol enquanto um benefício para trabalhador, mas sim para que o seu nome fosse associado a uma atividade que os trabalhadores gostavam e praticavam.

No entanto, os operários se apropriaram dos espaços constituídos pelo desenvolvimento industrial em Marechal Cândido Rondon. O futebol foi um elemento em que

os sentidos e significados compartilhados por eles se diferenciavam daqueles atribuídos pela classe dominante. O mais significativo para os operários não era ganhar títulos ou competir, mas constituir relações e laços de solidariedade entre o operariado em formação.

Os laços de solidariedade se estendiam não apenas fora das quatro paredes do frigorífico, mas também nas relações de trabalho estabelecida no interior do espaço fabril. Felipe sintetiza o que significou em termos classistas esta relação:

Pia, nós era organizado ali em. Uma vez nosso salário decaiu para você ter uma ideia, ele abaixou. E nós tinha o cabeça entendeu? Ai o cabeça falou “vamos fazer um protesto ai porque o nosso salário caiu demais!” Entendeu? Porque veio o cara espertinho de Cascavel-PR, ele já tinha quebrado uma empresa lá, daí acho que ali ele tentou segurar. Ele era do recursos humanos, ele tentou de certo segurar o nosso salário. (...) “Vamos fazer uma manifestação”, vamos lá e pedir aumento. Aí o que ele fez, o cara do RH, ele era um cara bem alto, pescoçudo, “Quem é o cabeça ai?”, se nós falasse quem era o cabeça, ele ó... cortava a cabeça do cara e não dava aumento pra ninguém. Dai todo mundo numa voz só **“Cabeça é todos nós! Queremos o aumento, entendeu?”**. Nós **“Cabeça é todo nós! Nós queremos aumento!”**. Essa parada ai ninguém tinha combinado. Só tinha combinado pra ir até o RH pedir aumento (...) Porque se ele soubesse quem era o cabeça ele cortava o cabeça. **Nós era unido, nós era unido.** (grifos nossos)

A narrativa de Felipe é significativa, pois evidencia como os operários se percebiam enquanto classe. Para impedir o corte do salário os operários observaram a necessidade de se organizar coletivamente. Mas não com qualquer sujeito e sim com seus companheiros de trabalho, que vivenciavam condição comum dentro da fábrica. Ao negar quem era o “cabeça” da manifestação para o responsável do RH, os operários estavam se colocando todos na mesma condição “Cabeça é todos nós”. Isto demonstra o quanto os laços de solidariedade entre os operários no interior do frigorífico estavam consolidados. Talvez isso só fosse possível, pois as relações entre o operariado não eram apenas estabelecida no interior do espaço fabril, mas também fora, nos jogos de futebol e nas festas.

Mesmo o futebol sendo utilizado pelos empresários como uma forma de criar uma identificação entre patrões e operários, isto não foi o suficiente para impedir os conflitos no interior do frigorífico. Os operários podiam jogar pelo time da indústria e até dividir os gramados com os chefes e gerentes, mas neste processo também percebiam sua condição. Se necessário fosse iriam para o enfrentamento para defender seus direitos.

Os espaços de sociabilidade também foram instrumentos que contribuíram para a construção de laços de solidariedade entre os operários da Swift Amour. Ao estabelecerem relações sociais dentro e fora do frigorífico os trabalhadores partilharam experiências sociais

marcadas por trajetórias de vida e trabalho semelhantes. Compartilharam modos de viver comuns e tornaram a vila em um lugar da cidade *da* classe operária.

Ao estabelecerem relações sociais, os operários organizaram espaços de lazeres que fugiam do controle da indústria. Decisões coletivas foram tomadas entre os operários, habilidades laborais foram constituídas e relações afetivas foram formadas. Como Felipe diz “nós mandava ali”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos a todo o momento evitar analisar o futebol no universo dos trabalhadores a partir de uma visão unilateral. Entendemos que isso é fundamental para não cairmos em generalizações como futebol é “o ópio do povo” ou ainda “símbolo de resistência”. As relações sociais estabelecidas entre operários, futebol e a Swift Armour nos proporciona inúmeras variáveis. Se para a indústria incentivar o futebol e financiar o time dos operários representava uma forma de propagandear, bem como criar elementos de identificação entre frigorífico e operário. Para o operariado o futebol foi utilizado como um elemento na constituição de laços de sociabilidade e solidariedade entre seus pares.

O sentido e significado do esporte atribuído pelos diversos grupos sociais podem ser diferenciados. Se por um lado para as indústrias o futebol muitas vezes é visto como uma forma de disciplinar, concentrar e dispor de maior dedicação do operário ao trabalho. Para o trabalhador a prática esportiva pode ser vistas de outra maneira. Talvez importante para aliviar as tensões de um dia inteiro de trabalho ou ainda através do futebol conseguir um emprego na indústria.

Acreditamos que entender o futebol no contexto da sociedade capitalista significa entre outras coisas explorar a constante contradição existente neste esporte. Tanto a burguesia, quanto os trabalhadores se utilizaram do futebol. Cada qual a sua maneira constituíram conjuntos de relações que faziam sentido a determinados contextos sociais. Em Marechal Cândido Rondon, não foi diferente.

Com o estudo de caso com operários da Swift Armour percebemos a profunda contradição que o futebol pode assumir. Os diretores do frigorífico pareciam entender o futebol não tanto como um elemento de sociabilidade, mas muito mais como uma forma de fazer propaganda da indústria. A contratação de operários-jogadores para compor os times dos operários evidencia isso. Já para os operários o que mais era significativo não era a competição em si, mas sim o quanto o futebol poderiam contribuir nas relações sociais estabelecidas entre o operariado.

Procuramos também negar que o futebol coloca uma cortina de fumaça sobre os conflitos entre capital e trabalho, entre patrão e operário. A partir das narrativas dos operários

percebemos que mesmo os operários dividindo os campos com os patrões, isso não eliminava os embates no interior do espaço fabril.

Foi interessante analisar o futebol nos mundos dos operários, pois me auxiliou a entender melhor diversos problemas os quais os operários da Swift Armour vivenciaram. Não havia a possibilidade de escolher apenas ser jogador naquele contexto. Quando o operário-jogador não servia mais para a indústria, a mesma o demitia. Isso evidencia que a preocupação central da Swift Armour não era com o trabalhador, mas sim com o quanto esse poderia lhe ser útil em determinados momentos.

No entanto, mesmo havendo toda uma gama de sentido e significados é perceptível o papel que o futebol teve na vida operária na década de 1980. Os operários organizaram suas vidas sob a tutela do frigorífico, mas também se apropriaram dos espaços constituídos pelo processo social de industrialização. As relações sociais estabelecidas na vila operária entre o futebol, operários e indústria foram importantes, pois contribuíram na organização de espaços marcados por laços de sociabilidade e solidariedade. As trajetórias de vida e trabalho de Felipe, Francisca, Guaíba, José, Manuel e Bigode são de sujeitos sociais que compartilharam modos de viver comuns e tornaram a vila em um canto da cidade *da* classe operária.

REFERÊNCIAS

FONTES:

Imprensa

ASESA, o novo campeão do Troféu Difusora. **Frente Ampla de Notícias**. V. 96. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora, 05 de março de 1983. Programa de rádio.

SABADO, ASESa e AACC decidem título Troféu Difusora. **Frente Ampla de Notícias**. V. 108. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora, 07 de março de 1984. Programa de rádio.

ASESA, Bi-campeão do Troféu Difusora. **Frente Ampla de Notícias**. V. 108. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora, 12 de março de 1984. Programa de rádio.

GRANDE festa na final do Troféu Frente Ampla de Notícias. **Frente Ampla de Notícias**. V. 113. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora, 18 de agosto de 1984. Programa de rádio.

Fotografia

Time de futebol suíço da Swift Armour em 1983. Arquivo pessoal de Bigode e família.

Orais

Bigode (Pseudônimo). **Entrevista concedida a Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira**. Marechal Cândido Rondon, 04 de maio de 2013.

Felipe (Pseudônimo). **Entrevista concedida a Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira**. Marechal Cândido Rondon, 04 de maio de 2013.

Francisca (Pseudônimo). **Entrevista concedida a Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira.** Marechal Cândido Rondon, 04 de maio de 2013.

Guaíba (Pseudônimo). **Entrevista concedida a Fagner Guglielmi Pereira e Marcos da Silva de Oliveira.** Marechal Cândido Rondon, 07 de maio de 2013.

José (Pseudônimo). **Entrevista concedida a Aparecida Darc de Souza e Marcos da Silva de Oliveira.** Marechal Cândido Rondon, 01 de março de 2011.

Manuel (Pseudônimo). **Entrevista concedida a Marcos da Silva de Oliveira.** Marechal Cândido Rondon, 19 de dezembro de 2011.

Sites

<<http://pt.fifa.com/>>

<<http://pt.fifa.com/worldcup/organisation/partners/index.html>>

<<http://observatoriomidiaesportiva.blogspot.com.br/2012/07/notas-sobre-transmissao-dos-jogos.html>>

<<http://.copagril.com.br>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **História Oral: a experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **Futebol de fábrica em São Paulo.** São Paulo, 1992, p. 190. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Universidade de São Paulo.

BOSI, Antônio de Pádua. A recusa do trabalho em frigoríficos no oeste paranaense (1990-2010): a cultura da classe. In: **Diálogos** (Maringá. Online), v. 17, n.1, 2013. p. 309-335.

CALDAS, Waldenyr. **O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933).** São Paulo: IBRASA, 1990.

DA MATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. In: **Revista da Universidade de São Paulo**. nº22, Dossiê Futebol, 1994. p.10 - 17.

ENGELS, Friederich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

FERREIRA, Cristina. Os trabalhadores e os territórios de futebol em Blumenau-SC (1980-1970). In: **ANAIS: XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, 2011.

HOBBSAWM, Eric. A História vista de baixo. In: KRANTZ, F. (Org). **A outra História: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. **Era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a classe operaria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

KÖLL, Lucas André Berno. **Entre Colinas Verdes e Fortalezas Cinzentas: o Senhor dos Anéis e a Crítica à Modernidade**. Marechal Cândido Rondon, 2010. p. 59 Monografia (História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

LOPES, José Sergio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe, na cidade das chaminés**. São Paulo: Editora Marco Zero, Universidade de Brasília, 1988.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 2. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, Operários e Futebol. In: **Revista GEOgraphia**.v.4, nº8, 2002. p.84 – 92.

PENNA, Adriana Machado. A cultura esportiva sob a hegemonia do Capitalismo Monopolista. In: **História e Luta de Classes**. nº 6, 2008. p. 67-72

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIRES, Giovani de Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esportivo. In: **Revista da Educação Física**. Maringá: UEM, 1998. p. 25-34.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Campinas, 1998, p. 275. Tese (Doutorado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Cleverson Luis. **Historia da evolução do futebol de campo na cidade de Marechal Cândido Rondon**. Marechal Cândido Rondon, 1997. p. 29. Monografia (Educação Física) Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

ROQUE, Zuleika Stefânia Sabino. Memórias em campo: jogadores operários em São José dos Campos (1975-2010). In: **Anais: XXVI Simpósio Nacional em História – ANPUH**. São Paulo, 2011.

SEIBERT, Carlos A. e KOLLING, P. J. A construção do complexo agroindustrial de carne suína no extremo oeste do Paraná (1970-1990): estratégias empresárias e o fazer-se dos trabalhadores. In: **Anais eletrônicos: VII Encontro Internacional da ANPHLAC**, Campinas, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. In: **Revista da Universidade de São Paulo**. nº22, Dossiê Futebol, 1994. p. 30 – 37.

SIGOLI, M. A., DE ROSE JR., D. A história do uso político do esporte. In: **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, 2004.p.111-119.

STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. **Da Fábrica à Várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre**. Porto Alegre, 2011. p. 179 Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.